

## FAMÍLIA, CONTEMPORANEIDADE, PSICANÁLISE

Lilian Meneses Dacorso

O presente trabalho surgiu a partir do filme “Cegonhas – A História que não te contaram”.

Existia uma fábrica onde apenas cegonhas trabalhavam, antes entregando bebês, e após um incidente ocorrido em uma entrega, à antiga fábrica foi fechada e agora eles são tipo uma Amazon: “A loja da Esquina”. Tulipa é uma órfã humana que não foi entregue e permaneceu morando na fábrica. Existe também uma cegonha chamada Junior. Junior tem uma chance de promoção se despedir Tulipa, mas fica com pena dela e a coloca para trabalhar numa parte desativada da empresa. Na cidade, Nate, um pequeno garoto cujos pais não param de trabalhar, pede um irmão. A carta escrita por ele, acidentalmente cai nas mãos de Tulipa, que aciona a máquina de fazer bebês. Um bebê é feito, e, a partir daí, Tulipa e Junior saem para entregar o neném à família Jardim. Aos estarem juntos, o vínculo de Tulipa e Junior se transforma em um vínculo familiar. *“Somos uma família, uma família diferente, mas somos uma família”*, diz Tulipa a Junior.

Falar de família engloba diversos questionamentos: vínculo, Édipo, pulsão, afeto, sexualidade. E falar disto na contemporaneidade, implica falar de famílias monoparentais, homoparentais, adotivas, recompostas, concubinárias, temporais e produções independentes. E também nos remete às novas formas de procriação: barriga de aluguel, embriões congelados, procriação artificial, adoção de espermatozoides e clonagem.

Como perceber estas novas configurações? Como analisarmos psicanaliticamente o que nos é apresentado nos dias atuais? Novos casais nos procuram em nossa clínica para discutirem suas relações entre si e com a sociedade, assim como mães e pais provenientes de diferentes formas de procriação ou adoção.

Ao fazer uma pesquisa bibliográfica sobre como a psicanálise se posiciona diante deste fato, não existe um consenso sobre se estas mudanças seriam positivas ou negativas.

Ao analisarmos as mudanças ocorridas em torno da instituição família, vemos que antigamente, nas fotos, as mulheres apareciam sentadas, os homens em pé com a mão esquerda sobre seus ombros, e aos pés da mãe a criança sentada. A família se apresentava junta, mas unidos apenas pelos gestos, como uma forma de expressar ligação de sentimentos.

No século XVI, as imagens mostravam a família em volta de uma mesa de jantar, ou em torno de música, expressando um pouco mais de afeto. O objetivo principal da família era a transmissão de um patrimônio através de casamentos arranjados. Havia uma submissão à autoridade patriarcal.

A partir do século XVIII, as imagens se tornam mais reais, os homens em torno de uma lareira, as mulheres em volta de um caldeirão de comida, e uma criança dando comida ao irmão menor.

Atualmente, aquela visão de família tradicional, hierarquizada vem mudando, com a ingressão da mulher no mercado de trabalho e na luta pela sua individualidade com a exigência de ser mais ouvida. Aqueles antes excluídos (homossexuais, travestis) passam a fazer uso da sua voz para também garantirem seu direito de constituir uma família da maneira que desejam.

Família é um sistema complexo ligado aos processos de transformações social, histórico e cultural, estando em contínuo processo de modificação, que altera sua composição e dinâmica.

Um olhar sobre os filmes infantis, nos mostra, que nestas produções, a partir dos anos 2000, são apresentadas novas formas de configuração familiar, permitindo à criança um novo olhar sobre o mundo que lhe cerca.

Branca de Neve (1939), Cinderela (1950), Bela Adormecida (1959) são princesas submissas, indefesas, a espera de um príncipe encantado para construir sua família e viverem felizes para sempre.

Shrek (2001), Encantada (2007), Valente (2012), são exemplos de princesas que desconstróem esse romance idealizado. Correm atrás do que querem, não precisam ficar esperando pelo príncipe perfeito para serem felizes.

Será que estes novos vínculos apresentados causam uma queda da função paterna? Será que desintegram o conceito de família tradicional? Podemos dizer que na verdade não houve uma queda, mas sim, uma forma diferente de exercer a função paternidade e uma mudança nos laços familiares.

Família nessa concepção contemporânea passa a ser caracterizada por relações de união, vínculo pela afinidade, permitindo assim diversas formas de família. A afetividade é o laço que agora une os membros. Casais de diferentes combinações se unem pelo amor e o

desejo de paternidade/maternidade traz novas formas de procriação. Isto significa que filhos in vitro ou de barriga de aluguel são menos libidinizados? Devem ser estas famílias olhadas de modo diferente? Estas mulheres em seu exercício de maternidade devem ser analisadas de outra forma?

Freud, no texto *Romances Familiares* (1909), nos diz que a criança idealiza seus pais, seu maior desejo é ser como eles, no entanto, ao crescer intelectualmente e conhecendo outros pais, começa a questionar toda as qualidades que dava aos seus progenitores.

Uma família tradicional não é garantia de perfeição, nem em sentido afetivo e nem em sentido do papel exercido. Podem existir famílias na qual os papéis dos pais não estão bem claros, ou podem ser pais ausentes. O amor também não dá esta garantia do viveram felizes para sempre. Quando se deparam com as frustrações, decepções, não existe amor que segure uma relação.

Família é uma criação humana, se organiza em torno de funções ideológicas e relações de gênero.

Baseando-se no trabalho de Lévi-Strauss (1956), Roudinesco (2003) afirma que foi no seio das duas grandes ordens, a do biológico, através da diferença sexual e a do simbólico, através da proibição do incesto e outros interditos, que se desenrolaram durante séculos, não apenas as transformações na instituição familiar, mas também as modificações do olhar para ela voltado ao longo das gerações. No entanto, considera, ainda a partir de Lévi-Strauss, que, durante essas transformações, foi possível perceber uma variedade de modalidades de arranjos e organizações familiares, embora nem todas duradouras, o que salienta a necessidade de não somente definir a família sob o ponto de vista antropológico, mas também saber qual a sua história, para que se possa interpretar as mudanças atuais.

Freud em sua teoria trabalha com sequência de organizações familiares. Uma possuidora de um pai violento, depois a família Édipo. O pai violento é assassinado pelo filho. No Édipo o pai morto é substituído pelo totem, um pai simbólico. Freud, em *Totem e Tabu* (1913), aponta ser necessário o assassinato do grande pai, para que daí surja a lei que nos instala na cultura e nos separa da natureza. Sua permanência se faz pela internalização da lei. O pacto dos irmãos é o gerador da cultura, através da proibição do incesto e de matar o animal totêmico, mediatiza os vínculos sociais. Através da renúncia pulsional, é permitido o acesso à civilização, duas famílias agora são necessárias, uma para fornecer um homem, e outra para fornecer uma mulher, para que a partir de uma nova união surja uma terceira família.

Ao olharmos na contemporaneidade os novos vínculos estabelecidos, percebemos mudanças em todos os papéis. Com bebês de proveta, inseminação artificial de sêmens de homens desconhecidos, tudo isto aponta para uma nova forma de relação/função/papel de pai e mãe. Como ficariam as identificações e internalizações?

Por papel entende-se um conjunto de atitudes que se espera de uma pessoa para sua inserção no meio social. É organizada com base em direitos e deveres. É transmitida de geração a geração, durante toda a vida. Na verdade, papel de pai e de mãe vai além do biológico, vem do psíquico, do lugar do desejo, do que representa para aqueles atores ser pai e ser mãe. A força do novo vínculo familiar da contemporaneidade vem da afinidade, do desejo inconsciente de cada um.

Exercemos socialmente papéis pré definidos que determinam nossa maneira de ser e agir nas relações sociais e familiares, alguns desses papéis são esperados pelos outros enquanto definidores de características biológicas que garantem os direitos e deveres de homens e mulheres.

Na verdade, falar de gênero não é o mesmo que falar de sexo, gênero vai além dos aspectos biológicos, vai dos sentimentos sociais ou psíquicos da identidade sexual, enquanto sexo define a organização anatômica. Gênero envolve atitudes, comportamentos, relações, valores, estereótipos. Possui um caráter histórico, social e político, na qual é construído historicamente.

Sendo assim, o gênero masculino e feminino, não precisam necessariamente serem os responsáveis por ocuparem o lugar de pai e mãe. É necessário uma organização psíquica que os fazem capazes de se colocarem enquanto tais.

Os seres humanos sempre foram divididos por gênero, homem/mulher, e assim são criados e incentivados a agirem. Os costumes e valores de cada época implicam em nosso recalcamento sexual, e este recalque da sexualidade é uma condição para a existência da civilização. Os padrões da sexualidade são criados e não inatos. A história de cada um é construída com base nas identificações que se fazem durante o Édipo. Cada sociedade constrói seus ideais, apoiados em uma forma cultural dentro de que cada sociedade está inserida. Sendo assim, o conceito de normal da sexualidade estão relacionados à esta cultura na qual são forjados, por isto a dificuldade de esclarecê-lo.

As princesas contemporâneas surgiram para questionarem estes papéis /gênero /

sexualidade. A princesa Merida, no filme *Valente*, não deseja se casar e seguir uma tradição que lhe foi imposta, numa disputa pela sua mão ela mesma luta por si dizendo que “*pela minha própria mão eu vou lutar*”.

Histórias infantis possuem uma forma de reforçar a cultura de certo tempo e lugar através de várias representações, dentre as quais estão presentes o que seria masculino e feminino, assim como a noção de amor e relações amorosas. Elas legitimam comportamentos, modos de agir, de vestir, maneiras de se constituir enquanto sujeitos. A arte lança a quem assiste uma forma de questionar sobre seu lugar no mundo.

O próprio Freud em muitos momentos usa da arte para falar de sua teoria psicanalítica. *Édipo Rei* foi usado para explicar e mostrar aquilo a que todos nós estamos submetidos, a interrogação do oráculo sobre quem seria nós nesta vida?

A arte, pode então trazer novos discursos e modos de viver, como desconstruir pontos de vista nunca questionados. Em muitos momentos, os desejos podem passar pela censura e serem comunicados, uma formação de compromisso com nossos mais obscuros desejos.

Nos contos infantis tradicionais, vemos princesas sonhadoras e submissas, a espera de seu príncipe encantado. Atualmente, vemos princesas que não aceitam este destino, pelo contrário, são princesas independentes e atuantes em suas vidas.

Moana, do filme “*Moana, um mar de aventuras*”, desde criança sente que seu destino está além da ilha que vive, e aceita o desafio de ir a procura de sua história, da história de sua família, para poder se constituir enquanto sujeito.

Na contemporaneidade, vemos então famílias sendo constituídas pelo afeto, pelas alianças e pactos inconscientes, um acordo que assegura a continuidade do investimento libidinal de autoconservação para cada sujeito.

Com base em todas estas questões, podemos dizer que na verdade não importa à psicanálise a família estrutural formada. Se a base de nossa formação enquanto sujeitos se passa pelo afeto envolvido nas relações parentais, importa muito mais à psicanálise o afeto envolvido nos novos vínculos, sejam estes amorosos ou parentais. Importa o lugar que estou a exercer nestas relações.

É necessário então que enquanto psicanalistas, nos tornamos cientes das mudanças da atualidade para daí podermos analisarmos os vínculos envolvidos.

Família é afeto, e afeto não está ligado a gênero. É possível sim, diferentes organizações familiares, e diferentes exercícios de paternidade/maternidade, até mesmo entre uma cegonha e um humano, e a partir daí surgir uma família.

## BIBLIOGRAFIA:

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Novas configurações familiares: Mitos e verdades**. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 40(72): 89-102, jun. 2007.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Configurações edípicas da contemporaneidade: Reflexões sobre as novas formas de filiação**. *Pulsional revista de psicanálise* 88 ano XV, n. 161, set./2002

FREUD, S. Totem e tabu. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago Editora

Freud, S. (1977) Escritores Criativos e devaneios In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago Editora

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; Féres-Carneiro, Terezinha. **MASCULINO E FEMININO NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**. ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA, UERJ, RJ, ANO 4 N. 1, 1º SEMESTRE 2004

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Jorge Zahar Editor - Rio de Janeiro - 2003

ZANONI, Heitor Tavares FERREIRA, Eliane Schmaltz. **MUITAS FORMAS DE AMAR: A NOÇÃO DE AMOR NOS FILMES INFANTIS**. *Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG* - v. 27, n. 2 - Jul/Dez. 2014 – ISSN online 1981-3082